



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 64-65
2012-2013

150 ANOS
DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

INTRODUÇÃO

DA VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO PORTUGUÊS

João António Marques
Presidente da Secção de História da AAP

O Colóquio “Património Arqueológico: da investigação à apresentação pública”, que decorreu no dia 28 de Setembro de 2013 na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL) e a Visita de Estudo “Mais de dois séculos entre a investigação arqueológica e a valorização patrimonial: de Tróia ao Castelo de Palmela”, efectuada no dia 19 de Outubro, foram iniciativas organizadas pela Secção de História da Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP) integradas nas comemorações do 150.º aniversário da AAP.



Figura 1 – Vista geral das oficinas de salga de peixe das Ruínas de Tróia durante a visita de estudo.

Estas duas iniciativas pretenderam nos seus objectivos abordar a importante problemática da valorização de um sítio, ou de uma edificação e do seu

substrato arqueológico, salientando que para além das questões científicas do registo e interpretação, a apresentação pública envolve múltiplas questões ligadas à conservação e restauro, à arquitectura, à musealização propriamente dita, à divulgação e à gestão dos bens culturais envolvidos, sem esquecer a importante questão da participação do público, pelo que foram focados os mais variados casos práticos.

Ambas tiveram uma satisfatória adesão do público, tendo o Colóquio contado com mais de cinquenta inscitos e a Visita de Estudo com cerca de trinta participantes.

O programa do Colóquio foi inicialmente pensado de modo a que fosse possível apresentar várias e diversificadas experiências de valorização espalhadas por todo o país e de modo a revelar o dinamismo que estas intervenções têm assumido na arqueologia portuguesa. Relativamente a este último aspecto é de salientar a crescente importância no turismo, apesar da ausência de um plano estratégico ou de um programa operacional com essa finalidade, sendo aqui de destacar a experiência pioneira de meados dos anos 90 do século XX do Programa *Itinerários Arqueológicos do Alentejo e do Algarve*, que pretendeu então abranger treze estações arqueológicas, sendo financeiramente apoiado pelo Fundo de Turismo do Ministério do Comércio e

do Turismo e pela Secretaria de Estado da Cultura através do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.



Figura 2 – Pormenor da sinalética do circuito de visita das Ruínas de Tróia.

Foram assim endereçados convites a vários arqueólogos envolvidos em programas de valorização ou na investigação ou gestão de sítios que, na generalidade acolheram bem a iniciativa, disponibilizando-se para participar, pelo que o programa se tornou bastante exaustivo, tendo apenas sofrido algumas alterações devido à indisponibilidade de última hora de alguns dos conferencistas.

A abertura dos trabalhos contou, para além da presença, com as palavras de Manuel Lacerda, em representação da Directora-Geral do Património Cultural, Isabel Cordeiro, de Ana Paula Amendoeira, Presidente do ICOMOS Portugal, de José Morais Arnaud, Presidente da Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses e de João Marques, Presidente da Secção de História da AAP.

De acordo com o programa previamente definido foram apresentadas as seguintes comunicações:

- “Musealização da Arte Rupestre do Vale do Tejo e Gestão Integrada do Território: O Projecto do Museu de Mação”, por Luiz Oosterbeek, do Museu de Arte Pré-Histórica de Mação, Instituto Terra e Memória – Instituto Politécnico de Tomar;
- “Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo). Investigação, valorização e gestão de um sítio paradigmático da Pré-história portuguesa: balanço

crítico, no cinquentenário da sua descoberta”, de António Carlos Silva e Frederico Regala, da Direcção Regional de Cultura do Alentejo;

- “Panóias – de fragas a santuário. O que mostrar? E a quem?”, de Isabel Freitas, da Universidade Portucalense, e Herculano Mesquita, Fernando Pádua e Orlando Sousa, da Direcção Regional de Cultura do Norte;
- “A Valorização do Santuário da Fonte do Ídolo – Bracara Augusta”, por Paula Silva, da Direcção Regional de Cultura do Norte, e Francisco Sande Lemos, da Universidade do Minho;
- “Uma reflexão sobre o conceito de Valorização: os Sítios Arqueológicos do Alentejo e do Algarve hoje”, por Filomena Barata, da Direcção-Geral do Património Cultural;



Figura 3 – Abertura dos trabalhos, da esquerda para a direita: Ana Paula Amendoeira, José Morais Arnaud, Manuel Lacerda e João Marques.



Figura 4 – Comunicação referente a Panóias apresentada por Orlando de Sousa.

- “O Museu do Teatro Romano (Lisboa): um teatro, um museu e um projecto de investigação”, por Lídia Fernandes, da Câmara Municipal de Lisboa/Museu da Cidade;



Figura 5 – Vista geral durante a comunicação sobre o Museu do Teatro Romano de Lisboa por Lídia Fernandes.



Figura 6 – Comunicação sobre o Museu Monográfico de Conimbriga por Virgílio Hipólito Correia.

- “Ruínas Romanas de Tróia: a primeira fase de valorização de um sítio singular”, por Inês Vaz Pinto, do CEAUCP / Troiaresort, e Ana Patrícia Magalhães e Patrícia Brum, Troiaresort;
- “Conimbriga: práticas de gestão e conservação na construção de um sítio público”, por Virgílio Hipólito Correia, da DGPC / MMC;
- “A Casa dos Pintores: do projecto de reabilitação à Oficina Municipal de Arqueologia de Leiria”, por Vânia Carvalho, Sofia Carreira e Vitória Mendes, da Câmara Municipal de Leiria;

- “Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros: da intervenção à investigação, gestão e apresentação pública”, por Jacinta Bugalhão, da DGPC e NARC, e Cristina Gameiro, Andrea Martins e Ana Filipa Braz, do NARC;
- “O Projeto do Parque Arqueológico do Vale do Terva (Boticas, Portugal). Estudo, Valorização e Divulgação de uma Paisagem Cultural”, por Luís Fontes e Mafalda Alves, da Universidade do Minho;
- “O Núcleo museológico do Arrabalde Ribeirinho de Mértola”, de Virgílio Lopes, Lígia Rafael e Susana Gómez Martínez, do Campo Arqueológico de Mértola;
- “Musealização do Espaço Arqueológico do Castelo de Palmela”, por Isabel Cristina Fernandes, Maria Teresa Rosendo e Michelle Teixeira Santos, da Câmara Municipal de Palmela;
- “O Castelo de S. Jorge em Lisboa – Escavação, Musealização e Gestão”, por Alexandra Gaspar e Ana Gomes, da DGPC, e Teresa Oliveira e Susana Serra, da EGEAC.



Figura 7 – Aspeto do anfiteatro da FBAUL durante os trabalhos.

Não foram assim apresentadas as seguintes comunicações que se encontravam no programa final:

- “Da investigação à apresentação pública da Arte do Côa”, de Fernando Real e António Martinho Baptista, do Côa Parque – Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa;

- “Conservação e valorização de monumentos megalíticos (Beira Alta)”, de Luís Coutinho Gomes, Joaquim Garcia e João Perpétuo, da Arqueohoje;
- “Fonte do Milho – projecto de investigação e valorização”, de Paulo Amaral, da Direcção Regional de Cultura do Norte e Universidade do Minho;
- “*Ebora LIBIVL* – ensaio de um percurso temático”, por Panagiotis Sarantopoulos, do CIEBA – Centro de Investigação e de Estudos em Ciências da Arte da FBAUL.

Note-se que do total das catorze comunicações apresentadas, por razões várias os autores de quatro destas não vieram a enviar os respectivos textos. Optou-se assim por publicar os resumos previamente remetidos aquando da programação e que foram divulgados no sítio internet do Colóquio, sendo referentes à Gruta do Escoural, Fonte do Ídolo, Itinerários Arqueológicos do Alentejo e do Algarve e Ruínas de Tróia.

Já a Visita de Estudo teve como propósito apresentar alguns sítios musealizados ou que não o sendo, devido ao seu elevado valor patrimonial e inserção paisagística possuem uma natural exposição pública.

Foi possível cumprir o programa delineado tendo-se efectuado a visita às Ruínas Romanas de Tróia, guiada pela arqueóloga Inês Vaz Pinto, com o apoio do Troiaresort (SONAE Turismo).

Sublinha-se a importância desta estação arqueológica conhecida desde o século XVI, e onde no século XVIII por iniciativa da Infanta D. Maria Francisca, futura D. Maria I, tem lugar a primeira escavação conhecida. Após as investigações de Frei Manuel do Cenáculo, as escavações do sítio só são retomadas em meados do século XIX pela Sociedade Arqueológica Lusitana, fundada em Setúbal com o propósito de escavar Tróia.

Após o almoço efectuou-se a visita ao Núcleo Museológico / Espaço Arqueológico do Castelo de Palmela, que foi guiada pelas arqueólogas Isabel Cristina Fernandes e Michelle Santos, com o apoio da Câmara Municipal de Palmela, onde se

punderam observar os níveis de ocupação medieval islâmica.



Figura 8 – As Ruínas Romanas de Tróia explicadas por Inês Vaz Pinto.



Figura 9 – O Núcleo Museológico / Espaço Arqueológico do Castelo de Palmela durante a visita guiada por Isabel Cristina Fernandes.

Seguiu-se a visita ao Castro de Chibanes (Serra do Louro), povoado fortificado com uma sequência estratigráfica do Calcolítico, passando pela Idade do Ferro até ao período romano, e que foi guiada pelos arqueólogos Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva, do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

Seguiu-se a visita ao Alto da Queimada, sítio com ocupação tardo-romana/visigótica e, sobretudo medieval islâmica, do emirato até ao final do Califado de Córdoba, guiada de novo por Isabel Cristina Fernandes e Michelle Santos (CMP).



Figura 10 – Na visita ao Castro de Chibanês, Carlos Tavares da Silva explica relativamente às várias estruturas exumadas.



Figura 11 – Alto da Queimada, onde Isabel Cristina elucidou os presentes relativamente às estruturas identificadas.

Por último efectuou-se já de noite a visita às Grutas da Quinta do Anjo, grutas-necrópole artificiais (hipogeus), de índole megalítica, utilizadas entre o Neolítico Final e o Calcolítico Final, tendo a visita sido guiada por Joaquina Soares (MAEDS).



Figura 12 – Aspecto da visita nocturna às Grutas da Quinta do Anjo onde Joaquina Soares procedeu à explicação das estruturas.

Pondera-se no futuro dar continuidade a esta iniciativa, organizando oportunamente um segundo Colóquio incidindo sobre as escolhas em valorização, e a «responsabilidade individual e colectiva perante o património cultural» conforme é reconhecido na Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade, assinada em Faro em 27 de Outubro de 2005 (Convenção de Faro).

Aproveita-se também para deixar uma palavra de agradecimento à Câmara Municipal de Palmela, ao Troiaresort (SONAE Turismo), ao MAEDS, e a todos os que colaboraram tornando possível estas iniciativas, nomeadamente aos colegas e amigos que maioritariamente já se encontram mencionados no texto, não esquecendo, António Cruz, designer que elaborou a imagem gráfica do Colóquio e da Visita, César Neves, que criou o sítio internet, Célia Pereira e Cristina Macedo, funcionárias da AAP que colaboraram em vários aspectos organizativos, Carlos Boavida, secretário da Secção, e Dário Neves, voluntário, que com o seu apoio deram o melhor para o sucesso de esta organização.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863–2013

www.arqueologos.pt